Alexandre
VIANA ROCHA

A ÁSPERA INOCÊNCIA

1° edição.
Mogi Guaçu, SP, 2021.
Capa: Alexandre Viana Rocha. Espingarda encravada na terra.
_____

Viana Rocha, Alexandre
A Áspera Inocência / Alexandre Viana Rocha.
Mogi Guaçu, SP, 2021.
1. Ficção brasileira.
2. Romance.
_____

Todos os direitos desta edição reservados ao autor
Rua Cláudio Manoel dos Santos, 231. CEP: 13.848.634
Bairro Residencial Nova Canaã - Mogi Guaçu - SP
Telefone: (19) 986098487
Email: alevrocha8@gmail.com

Texto de acordo com o novo código ortográfico da Língua Portuguesa.

Alexandre
VIANA ROCHA

A ÁSPERA INOCÊNCIA

Mogi Guaçu
Edição do Autor
2021

Prefácio

Por volta de 1940, tombava em Jeremoabo, Bahia, o cangaceiro Cristino Gomes da Silva Cleto, último dos grandes chefes do cangaço. Tornou-se mais conhecido pela alcunha de "Corisco", devido à sua rapidez de movimentos durante as ações criminosas. Em virtude da crueldade exacerbada e da agradável aparência que sua estrutura física hercúlea e seus longos cabelos lhe conferiam, recebeu também o título de Diabo Louro. Sua execução, comandada pelo coronel José Rufino, arrematou, definitivamente, o derradeiro capítulo da histórica Era do Cangaço. Os cangaceiros, que assolavam povoados e cidades, espalhando terror e caos, são agora apenas figuras emblemáticas de um passado remoto, instigando o imaginário comum. Contudo, deixaram uma semente fecunda: a pistolagem.

Devido à maneira tão particular de se vestirem, os cangaceiros eram caricaturas facilmente percebidas nas cidades. Logo, diante desse obstáculo, para "serviços específicos", cuja importância exigia do contratado uma discrição apurada, característica que os cangaceiros não possuíam, eles recorriam, portanto, a outros homens para a execução dessas missões. E assim nascia, no cangaço, a figura do pistoleiro.

No entanto, as razões que aguçavam a sede de atrocidades de indivíduos como Corisco e impeliam tantos jovens desvalidos à insurgência, tais como a propriedade da terra concentrada na oligarquia latifundiária, a exclusão social, a opressão do coronelismo político, as quais, coadunadas à seca, constituíam o núcleo original de toda a miséria do povo sertanejo; essas mazelas todas são, ainda hoje, a principal faúlha ao rastilho da criminalidade nessas regiões esquecidas do nordeste brasileiro.

*

Abrahão Ferrão é a figura central do livro; jovem pobre da caatinga nordestina, que já muito cedo é apresentado ao vazio de sua existência e a toda violência, corrupção e injustiças que permeiam seu meio. Depara-se com sua índole forjada por uma terra de brutalidades, em que a filosofia do "homem corajoso, forte e temido" prima pela insensibilidade — tendo esta como maior virtude —, filtrada e livre dos resquícios de humanidade. Logo, acuado por um sentimento de inferioridade tanto física quanto intelectual, vê-se aprisionado em suas angústias, a julgar-se, à luz de sua pouca compreensão de menino, um ser descartável e inadequado ao mundo. Embora não possa discernir profundamente esses sentimentos e explicá-los com palavras, ele os reconhece latejantes na carne e na alma.

Ao se defrontar com as idiossincrasias do personagem, que o tornam tão

enviesado e estendem ao próprio romance esta característica, talvez o leitor julgue esta obra amorfa, como se a ele se impusesse o desafio de caracterizá-los (romance e personagem) por si mesmo. Não obstante abrupta a superfície da história, cruel e renhida, é em ternura que vamos tocar, lá em seu âmago, ao pisarmos as camadas mais profundas, tácitas sob a carne imaculada, da solidão e da dor de uma infância áspera, nutrida com pobreza, violência e irracionalismo.

O autor

Caro leitor, esta história não contempla corações e olhos excessivamente sensíveis, devido à sua estrutura violenta. Estas páginas são nervosas, rudes, febris e sombrias; algumas chocam, perturbam e enojam. Não há mitigação.

Na caatinga, nasce uma lenda...

1

Entre xiquexiques e mandacarus, ossadas empretecidas, encravadas num solo seco, marcavam tanto o caminho quanto a vida daqueles sofridos habitantes. Do chão gretado emanava uma inconfundível fetidez: a seca, que devorava os bichos e infestava a honra dos homens. E longe, cortando o horizonte, abutres azeviches deslocavam-se de um canto a outro, céleres e aguçados.

Abrahão fitava a caatinga áspera. Eram quatro horas da tarde. Um fio de suor escorria-lhe no rosto marcadamente queimado de sol, o impiedoso sol dos matutos, que teimava em penetrar os galhos secos, obrigando-o a esquivar-se à procura de sombra. De costume, sempre ia sentar-se ali, de peito enrijecido, silencioso, sem compreender aquela sua dureza de espírito, aquela solidão ínsita que lhe apertava o peito. Futucava um formigueiro, quando ergueu a cabeça, despertando do silêncio com o esvoaçar das aves. Soergueu-se, sacudindo a roupa suja de terra. Pôs-se a contemplar a grande planície tanto mais, aquela desolação confundida com paz. Forçando as vistas, enxergou urubus que iam longe, muito longe, sumindo na vastidão branca e seca, enquanto que um vento breve trazia-lhe às narinas um odor fétido. Ficou a fitar longamente o céu, entretido no movimento das nuvens, com o pensamento distante. Embora tão pequeno e condicionado à reflexão de uma consciência ainda incipiente, obstinava-se confusamente a compreender suas tristezas. Ao cabo, de fato não as compreendia. À força de seu raciocínio limitado naturalmente pela prematuridade, julgava sem razão tais sentimentos, e punha-se em silêncio a recriminar seu próprio caráter, achando em si mesmo aspectos de gente murmuradora e ingrata, características essas que o pai tanto o ensinava a condená-las.

— Só penso bestagem — sussurrou.

Findados alguns minutos, dirigiu-se a outro canto, onde batia mais sombra. Tão logo se sentou acudiu-lhe que suas “balas” já haviam acabado há alguns dias. Dali então se levantou apressado, a caminho de um antigo barreiro. Lá, encheria as mãos daquilo que ele próprio cunhara de “barro de bala”, e partiria para brincar com suas quimeras de menino, fabricando esferas de barro, as quais ele chamava de “chumbos”, nas suas brincadeiras de caçar avoantes pela caatinga.

E noutro dia, à tarde, tudo isso se repetiria: e lá estaria ele, outra vez, sentado no chão, futucando formigueiros, disperso e sorumbático, contemplando sua vida triste.

∞*∞

O menino calçou suas velhas botas batidas. Pendurou seu bornal ao ombro. Apanhou seu facão, costumeiramente escondido debaixo da cama, sob a qual também escondia bitucas de cigarro, recolhidas disfarçadamente do quintal, onde o pai costumava andar de um lado a outro, fumando. De tempos em tempos, às ocultas, lá ia Abrahão tragar uma ou duas bitucas, e ficava todo cheio de orgulho, julgando-se homem feito. O matuto, tão desconfiado quanto o pai, não dispensava a segurança daquele facão debaixo da esteira, e já lhe era isto um hábito de muito tempo. De modo que queria ser como o vaqueiro Antônio, seu grande modelo de condutas, de quem ele tentava imitar tudo: o andar, o linguajar, os hábitos e trejeitos, a sisudez, as opiniões, a disposição para o labor. Tinha uma notável admiração pelo pai, pela bravura que aqueles olhos fundos e aquelas mãos grossas representavam. Era em Antônio que encontrava seu ídolo, era através desse simples vaqueiro que ele aprendia a poderosa sabedoria dos homens duros.

— Vou caçar um pouquinho.

Embrenhou-se caatinga adentro, armado com estilingue e facão, roçando com força a vegetação seca e espinescente que obstruía os caminhos. Caminhava duro, com passos nervosos, à sua maneira desengonçada, espiando o chão como de costume. Tentava distinguir aqueles rastos pela vereda, tal qual o pai, que sabia, na sua experiência de sertanejo, diferençar pegadas de muitos animais.

— Ó... É rastro de rês — disse, apagando os sinais no chão com o pé.

Avizinhou-se de mandacarus e ossadas secas; deixou para trás um açude seco; passou por um cemitério de gado, apinhado de bastos abutres negros. Para não se perder, seguia sempre pelo mesmo caminho a que estava habituado, o mesmo ao qual dera o nome de *caminho dos facheiros*. Andava calado, pisando em gravetos secos e retorcidos, que estralavam sob seus pés brutos. Embora seu semblante sempre fechado ocultasse, essas andanças eram-lhe uma distração muito prazerosa, que momentaneamente afugentava sua obscura inclinação à tristeza. Mas logo, pelo caminho, na sua lembrança, ouvia o aboio de Antônio surgir lá longe, profundo e triste, entorpecendo a vida, inundando aquele silêncio e deixando-lhe um vazio imenso no espírito.

Quando a noite anunciava-se no horizonte avermelhado, ele despontou doutro lado da casa, frustrado e trombudo, sem nenhum bicho abatido. Foi descansar à porta da cozinha, esperando o xexéu dispersar do corpo. Sentou-se no chão, fitando o céu que escurecia. Recostando-se a um pilar do alpendre,

enxotou os cachorros famintos que o rodeavam com olhos arregalados, esperando umas blandícias e um pedaço qualquer da suposta caça.

— Tem nada não, seus bestas, arreda! Xô! Xô!

A despeito de sua irritação após a malograda caça, para engambelar a fome dos cães caniços e não os deixar tão baldados, rumou à cozinha mecanicamente, sem convicção, em busca de alguma rara lambujem do dia anterior. Como era previsto e natural, os bichos dormiram mais uma noite com fome.

Mais tarde íamos encontrá-lo lá fora, sentado num tronco corroído, doutro lado da cerca da casa, próximo ao curral vazio e silencioso. Levava consigo seu inseparável estilingue e lá permanecia à espera do pai, atirando aquelas esferas de barro em garrafas de cachaça vazias, dispostas uma do lado da outra, sobre outro tronco de árvore, inçado por tufos de vegetação queimada pelo sol.

Ao ouvir o tropel compassado do cavalo de Antônio, largou longe o estilingue e saiu lépido, batendo nas nádegas com as mãos, a fim de simular o trotar do animal e, com a boca, pondo-se a imitar um relincho.

— Pai chegou, mãe! Chegou! — gritou, esfuziante.

— Ora! Se aquiete, menino! Se aquiete! Desafasta! — repreendeu-o o vaqueiro, austeramente.

Vez ou outra, quando raramente chegava de bom humor, esse homem, na sua condição de sujeito bruto, de limitados gestos de sensibilidade, tinha o costume de tirar seu velho chapéu de couro da cabeça e colocá-lo imediatamente na do filho, num raro impulso de carinho. Era isso o máximo que sua personalidade fria conseguia alcançar. O menino, por sua vez, respondia ao ato com um sorriso contido, tímido como de hábito.

Depois de ajudar a desselar o animal, o matuto seguiu, agarrado à cintura de Antônio, até a entrada da salinha, onde este se sentou, exausto, fungando forte.

Às sete da noite, dois vira-latas já erguiam o focinho à cozinha, compenetrados no aroma bom da comida simples que recendia até o terreiro. Ao redor da mesa, a família sentava-se para o jantar parco, enquanto que, à porta, sem piscar os olhos, os cães disputavam a melhor posição, esperando pela lambujem. De vez em quando, às escondidas, ciente de que o pai só permitia dar aos bichos migalhas de pão e raspas do fundo de panela, o menino escapava aos olhos do vaqueiro, ia até o quintal e despejava no chão um pouco de sua comida a um filhotinho rajado, pelo qual nutria mais simpatia. *"Hoje só tem pro rajadinho, arreda!"*, avisava, e a um só tempo

tentando, com um pedaço de madeira à mão, afastar os que teimavam em avançar sobre a comida do filhote. "*Sai! Xô! Amanhã os outros comem"*. Não raro sucedia de ele deixar propositalmente, mesmo ainda tendo fome, algum resto de alimento no prato para os bichos. Para ele, valia muito à pena, pela satisfação de ver a alegria dos cães ao receber a comida, ouvir a reprimenda que Antônio, furioso, gritava-lhe aos ouvidos, incomodado com o desperdício.

∞*∞

O menino, ainda raspando as beiradas do prato, ergueu-se da cadeira, agradecendo pela comida, como era de hábito:

— Deus te ajude, pai! Deus te ajude, mãe!

Lá fora, ouvia-se o som distante de chocalhos e o chirriar dos grilos. O calor, emanando da terra e da mata seca e retorcida ao sol, trazia a companhia das muriçocas e mariposas, que iam se abrigar à tépida luz dum candeeiro à porta da cozinha.

Esgaravatando os dentes, Abrahão ia para o quintal, lá ficando com sua solidão e com a das estrelas. Dali, ouvia Antônio, sentado à porta, queixar-se da luz que nunca chegava àquela longínqua região.

— Esse desgraçado só conversa! Prefeitinho frouxo! É a tal modernidade, o tal progresso... Mas eu ainda tô aqui, no escuro! Safados! Ora!... Pois eu vivi minha vida inteirinha assim, acendendo candeeiro, lampião, se não chegar luz, também não vou morrer por causa disso. Mas, se o sujeito promete, tem que cumprir, ora!

Às nove horas da noite, já iam à cama. O sono de Antônio chegava cedo e pesado. No entanto, o menino ainda permanecia acordado por um tempo, narrando a si histórias incoerentes e ingênuas que ele próprio criava enquanto não pegava no sono, mas sempre em voz baixa, para não despertar os pais que ao lado já dormiam, num sono profundo.

De manhãzinha, sob os rumores das batidas de pilão em que a mãe socava o café torrado, Abrahão despertava cambaleando de sono, esfregando os olhos remelentos. Puxava um pouco de água da cisterna, pondo-se a lavar o rosto bem depressa, tudo para impressionar o pai e demonstrar a esperteza, o ânimo, a diligência do homem forte da caatinga. Depois se ajeitava ao redor da mesinha para tomar o café da manhã: bijus, mandioca cozida e um café forte, e comia brincando com os objetos à mesa, imaginando mundos distantes, homens gigantes, heróis, guerreiros, pássaros enormes, uma profusão de fenômenos e coisas fantásticas invadia-lhe a mente pueril nessas ocasiões.

2

Os primeiros raios de sol transiam vagarosos por entre os galhos secos da vegetação que cingia a casa; penetravam pelas fendas da janela corroída da cozinha, alumiando a mesa em que o café quente exalava, evaporando no bule. O matuto, afastando a cadeira para mais próximo da janela, de tal modo a poder aquecer-se ao sol, esfregava as mãos uma na outra; bebia um gole de café; esfregava as mãos novamente; bebia outro gole, enquanto reparava na luz que ia se espalhando, cobrindo metade da mesa. Ao passo que comia, distraia-se sacudindo a mão no vazio, de um lado a outro, a fim de desordenar o sentido dos minúsculos fragmentos de poeira que enxergava flutuando nos fachos de luz entrando pela janela. Quando não era isso, divertia-se com um pedaço de espelho, que ele punha contra a luz do sol, direcionando o reflexo para os lados escuros, imitando a luz de uma lanterna. Direcionava, às ocultas, o reflexo para o rosto do pai ou da mãe, que, dispersivos, ficavam bongando de que direção vinha aquela luz súbita. Antônio, lobrigando a traquinagem simplória do filho, erguia as grossas sobrancelhas por um instante em sinal de repreensão, a que o matuto respondia prontamente com um olhar envergonhado, baixando os olhos.

— *Avia*[1], menino! Ande com isso, ande que tenho pressa! — erguia-se da cadeira o vaqueiro.

Abrahão estudava numa escola da cidade, onde os filhos empafiados de alguns fazendeiros, sem outra opção, também se misturavam aos mais pobres. Antes de partir à faina, o pai costumava levá-lo à aula na garupa do cavalo. Abrahão adorava essas ocasiões, uma vez que, naquele habitat quase inóspito, tinha muito pouco com o que se entreter. Muitos momentos havia em que ele se acabrunhava, julgando a vida inútil e monótona. Fitando as coisas, os animais guenzos, os movimentos vagarosos da natureza, a paisagem áspera e mórbida; achava tudo isso coisas tão angustiantes, pasmaceira completa. Então não raro desprezava o estilingue, as esferas secas de barro, o cavalinho de cabo de vassoura, julgando tais brinquedos um montículo inútil. Escapulia-se para longe. Ia sentar-se a um canto afastado, imperceptível às vistas do pai, e lá ficava bem quieto, capiongo, mastigando algum capim verde e sonhando com aquilo que nunca seria. Ansiava mesmo era aprender logo montaria. Contudo, sendo ainda tão miúdo e frágil, assomando ainda aos seus nove anos de idade, nem passava pela cabeça atarefada de Antônio deixá-lo cavalgar sozinho. Embora raro, acontecia de o vaqueiro acordar, um dia ou outro, menos carrancudo que o normal, resolvendo então, estimulado por uma

efêmera sensibilidade, levar o filho à escola no lombo do cavalo. Enfim, o menino podia desfrutar um pouco daquela sensação de liberdade que ele tanto supunha haver em cima do animal, mesmo ainda que estivesse numa posição que julgava tão inferior: a garupa.

— Um dia eu é que vou guiar... — pensava consigo.

A caminho da escola, ambos falavam pouco, ou palavra nenhuma se ouvia entre eles. Iam completamente calados, como se fossem dois estranhos. Antônio era um sujeito naturalmente silvestre. Trazia consigo tal característica desde a juventude. Logo não tinha paciência para ouvir as histórias simplórias do filho ou de qualquer outra criança. No fundo, o vaqueiro nunca desejou ser pai, e isto ele confessava insensivelmente, nos seus dias certos de embriaguez. Nesse caso em particular, pondo-se a observar o retraimento e a natureza silenciosa de Abrahão, talvez o vaqueiro, tacitamente, até agradecesse a Deus pelo filho que tinha. O matuto não fazia questão de abrir a boca para falar, pois compreendia profundamente, posto que muito novo ainda, o gênio do pai. Sabia que tudo quanto falava era ignorado pelo vaqueiro. Antônio, fiel à sua natureza rude, julgava aquelas inocências do filho ou de qualquer outra criança grandes inutilidades.

"Diabo! Não fala nada que preste esse menino. Criança é a coisa mais sem presteza que Deus fez... só abre a boca pra falar bobagem.", pensava o vaqueiro consigo, quando raramente Abrahão principiava alguma conversa breve, puxando algum assunto pueril.

Dito isso, Antônio subia sisudo no cavalo. Puxava um cigarro da orelha, acendia-o e fustigava o bicho com raiva. Pela estrada seca, absorto, Abrahão punha-se a ouvir sossegadamente o harmonioso trotar da cavalgadura. O bafejo, as ferraduras abrindo pequenas depressões na terra, o tinir fraco do guizo, esses rumores tornavam-se relaxantes ao seu espírito introspectivo. No caminho, defrontavam sempre com algum bando negrejante de abutres, devorando vorazmente algum animal morto por fome e sede. Como já fossem afeitos ao fartum de matérias putrefatas, eles passavam impassíveis a isso, sem a menor manifestação de engulho, num silêncio sepulcral. Mas, subitamente, Antônio suspirava fundo e queixava-se:

— O desgraçado não bota nem um ônibus pra carregar os *menino* pra escola. Ladrão! Vagabundo! Não tem dó de pobre, não tem. Político só quer da gente duas *coisa*: o voto e a ignorância. Vão *pocar* no inferno!

No regresso da escola, o matuto muitas vezes não tinha à sua disposição aquela divertida garupa do cavalo de Antônio, isso quando este sucedia de trabucar até mais tarde nalgum canto mais longínquo. Então era mais comum

encontrá-lo voltando a pé. Gastava o menino quase duas horas de caminhada até a casa, e fazia isto sem murmúrios. Mas, de quando em quando, achava carona no cavalo de algum conhecido que seguia pelo mesmo caminho, e agradecia a Deus.

Nos sábados, à tarde, quase como um ritual, sentados à sombra dum juazeiro, a família reunia-se. De início, ficavam em silêncio, espiando a vida através do horizonte tremulante, carregado de sol. O matuto, num canto, futucando os formigueiros com gravetos, completamente absorto nesta traquinagem. De repente, o vaqueiro, com um cigarro de palha à boca, soprando a fumaça para o alto, pensativo, soltava uma palavra, uma reflexão súbita e tétrica. Logo o silêncio ia embora e, consequentemente, engatavam uma conversa. Todos ali naturalmente falavam pouco; Abrahão, menos ainda. Mas quando raramente Antônio sentia-se bem e sereno, muito à vontade para abrir a boca, enfim principiava alguma conversa, mesmo uma de assunto já batido, repetido à exaustão, já contada há semanas. Então a conversação prolongava-se, branda e pausada, sempre com um silêncio repentino intercalado entre um caso e outro. De hábito, a mulher corroborava a ponderação de Antônio, acrescentando outra reflexão semelhante à do marido, e assim ambos se punham a contar histórias. Rememoravam o passado com tristeza e uma angústia brutal, que nem mesmo os seus olhos duros conseguiam esconder. Julgavam ter vivido uma juventude ditosa, apesar das dificuldades por que passaram naquele tempo. Diziam que o passado havia sido muito melhor que o presente e que, naquele tempo, a vida era mais simples e, consequentemente, melhor. Contavam casos antigos, uns engraçados, sérios, trágicos; falavam da gente antiga da cidade, daquele fulano bondoso que morrera tão jovem, daquele abastado amigo e generoso; falavam também dos fazendeiros ordinários, pústulas, que os exploravam nas fazendas. Suspiravam fundo, sentindo o coração apertar-se, apequenar-se, recordando aqueles amigos que haviam partido para longe e os já falecidos. Depois se sentiam tão frustrados diante de seus sonhos não realizados e tão pequenos. Sentiam-se inúteis, fracassados. O peito apertava-se; batiam-lhes uma saudade imensa da juventude e dos tenros anos, e então os olhos de ambos se enchiam de lágrimas.

Enquanto os pais recordavam suas alegrias e tristezas, o menino ficava no terreiro, entretido nalguma brincadeira. Às vezes, não encontrando um folguedo outro para enganar sua solidão reprimida, ia sentar-se junto dos pais. E punha-se, calado, a ouvir aquelas histórias, as quais ele pouco compreendia na inocência de seus nove anos. A mãe, por sua vez, entrementes, puxava-o

pelo braço e, entalando a saia entre as coxas, deitava-lhe a cabeça sobre o colo para catar-lhe as lêndeas e os piolhos. Abrahão logo cerrava as pálpebras, satisfeito, julgando tão agradável aquele movimento delicado que a mãe fazia com os dedos entre seus cabelos, e sentindo o cheiro bom de sabão que emanava daquelas mãos. Por uns minutos, ele até cochilava. E enquanto a mulher despendia sua atenção à higienização do filho, a conversação anterior era interrompida por um momento.

3

No fim de tarde, Abrahão foi encontrar o pai entretido numa gaita velha, soprando o mesmo repertório antigo. O menino estranhou a cena: julgou ser extremamente incompatível a junção daquele som afável e triste com aquele homem bruto e sério, sempre tão carrancudo. A seu modo simples, achou que esses elementos não se combinavam. Depois foi sentar-se junto ao pai para ouvir a melodia, sem deixar de reparar nas mãos agrestes de Antônio, sempre grossas, calejadas; no aspecto, o rosto barbudo, encarquilhado, amedrontador. Como aquele som brando poderia ser de autoria de um ser tão "pedregoso"? Como a água poderia sair da pedra? Abrahão, sentado defronte, um tanto distraído, continuou a fitar o pai sem qualquer cerimônia.

— Que tanto olha, infeliz? Nunca viu?! — reprochou-o Antônio, e o menino, contrafeito, desviou os olhos, baixando a cabeça.

Essa ordinária gaita despertou em Abrahão grande interesse, coisa muita rara de se ver em sua personalidade introvertida. Desde então, desejou fortemente aprender a tocar o instrumento. De longe, tomando coragem, ficava a espiar o vaqueiro. Mas seu mórbido acanhamento transformava um simples ato de puxar assunto com o próprio pai num obstáculo enorme. Ademais, a sisudez ínsita e infinita de Antônio era-lhe, talvez, um obstáculo maior e mais árduo que o seu próprio retraimento. Certa feita, porém, ainda que constrangido com a situação, criou coragem e, pela primeira e última vez, solicitou ao pai que lhe ministrasse algumas aulas. O vaqueiro, como previa Abrahão, declinara, alegando não ter tempo nem paciência para uma tarefa que considerava completamente inútil.

— Tocar isso pra quê? Tem que saber é trabalhar.

Desse modo, só lhe restou tentar aprender sozinho. E quase todos os dias, ao mesmo tempo em que saía para "caçar", ia ele vagar pela caatinga, soprando aquela gaita com força, espantando os bichos com sua música desafinada e horrissonante.

Abrahão, quando não achava com o que ocupar o tempo durante o dia, de tudo fazia para que o pai não o encontrasse ocioso. Nesse sentido, se notasse que vaqueiro assomava pela cerca mais cedo que o de costume, corria depressa à cozinha, espalhava um pouco de feijão sobre a mesa e punha-se a catar as pedras e separar os grãos podres dos bons, simplesmente para transmitir ao pai a ideia de que não estivera de mãos ociosas em nenhum momento. Embora já estivesse afeito ao cenho habitual de Antônio, sempre que fitava aquele rosto carrancudo, coberto por barba tão hirta e suja, e aqueles olhos pretos, tão sombrios, o medo e a submissão do menino não diminuíam. A banalidade daquele rosto severo não lhe arrefecia o receio. O matuto arregalava os olhos, sentia até o coração bater mais forte e acelerado, como que diante dum estranho, e via-se tão constrangido. Parecia nem estar diante de um pai, senão dum chefe austero. Tinha consciência de que, se Antônio o encontrasse na ociosidade, a repreensão não tardava. Não obstante a aspereza paterna, Abrahão, à sua maneira retraída e silenciosa, amava o pai. E talvez assim também como Antônio o amava à sua maneira rude. Eram dois amores brutos, duros, secos. Era possível até que esse amor por Antônio fosse maior que o amor que ele devotada à mãe, que também não era mulher das mais expansivas. Elisa era contida; adulava ao matuto o necessário para exercer o seu papel de mãe, nada mais, nenhuma demasia via-se em suas demonstrações de afeto. De sua parte, Abrahão assimilava bem essa rigidez de sentimentos dos pais com naturalidade. É claro que nas conversas de fim de tarde, no terreiro, ele ali sentado de um lado; os pais, doutro, sentia um impulso doido, uma vontade grande de correr e pular no colo de Antônio, abraçá-lo, beijar-lhe o rosto barbudo e duro. Mas o semblante constantemente sisudo do pai era um obstáculo que o menino julgava intransponível.

4

Antônio Ferrão fincava as estacas para dar continuidade à construção da cerca de uma fazenda. No calor insuportável, assoviava tranquilo, impassível, sentindo as ferpas lhe furarem os dedos e o amargo do suor nos lábios. A dor, para ele — homem do sol e da terra — era como um alimento necessário à sua honra. Essa dor era sua dignidade, sua alegria áspera, o sentido de sua existência, de sua condição de "homem pequeno no mundo", como ele próprio a si mesmo se considerava. Nunca tivera labor estável; vivia sempre de um trabalho a outro. Homem forte e perseverante, colocava-se defronte às dificuldades com honra e sem murmúrios. Sua profissão, de fato, era a de

vaqueiro, e, sem dúvida, era o que mais lhe proporcionava satisfação. Mas, se não pudesse ganhar a vida ao lado dos animais, aceitava qualquer outro ofício que lhe trouxesse sustento, honra ou, ao menos, ocupação do tempo. Não tinha sensibilidades nos olhos para reparar as coisas, para contemplar a vida, um voo de pássaro, ou para fazer uma piada. Era demasiado duro para ficar tranquilo na ociosidade. Por natureza, um homem extremamente austero, de um gênio irredutivelmente inflexível. Sentado no seu canto, fumando seu cigarro de palha de milho, ou bebendo sua cachaça, não tolerava nem o mais inocente gracejo vindo daqueles inveterados valdevinos de esquina de bar. Detestava apelidos, sobretudo os relacionados à sua imagem física, os quais tinham por função resumir-lhe a feição feia e estranha. Efetivamente, o vaqueiro não tinha paciência com essas coisas; não ria, tampouco tolerava o motejo como sendo uma simples brincadeira entre folgazões. Tudo lhe irritava; aborrecia-se com qualquer coisa que fosse matéria de zombaria. Odiava até mesmo as alcunhas dadas aos outros, que nada tinham a ver consigo. Mas aceitava e aprovava, entretanto, aquelas inventadas aos seus desafetos. Ébrio, tornava-se ainda mais vulnerável à impaciência, quando assim o álcool corria-lhe pelo sangue, acendendo-lhe o temperamento difícil e atrasando-lhe o raciocínio já naturalmente lento. O que também lhe fazia ferver o sangue e tremer as pálpebras de raiva era o fato de ser fitado fixamente por gente curiosa, de modo que estivera a vida toda convicto de que os outros só lhe olhavam movidos pelo desprezo, que lhe fitavam somente para apontar-lhe, em pensamento, seus defeitos físicos, seus trejeitos excêntricos. Fosse quem fosse, um conhecido de faina, um estranho, até mesmo um parente, o vaqueiro jamais ficava indiferente, e sempre soltava uns sussurros, umas afrontas:

— Que é que tanto olha, infeliz?! Tá vendo o Diabo?! Pois vai encarar assim sua mãe, desgraça! — esbravejou ele, certa vez, às fuças de uma mocinha arrogante, que lhe fitava dos pés à cabeça, enquanto ele se ajeitava à fila, à porta do banco da cidade.

Quem mais conhecia o rosário de ignorâncias do vaqueiro naturalmente eram a esposa e o filho, que, submissos e já habituados, não se espantavam. Entretanto, embora entre estes, tenha tido Antônio, ao longo do tempo, grandiosos arrebatamentos de obscura violência, curtos e chocantes, sua severidade, no cotidiano familiar, era mais verbal que física. A rigidez de sua estrutura corporal, aquela sisudez nos olhos fundos e embaciados, o tom áspero de voz e a carranca natural, tudo isso já bastava para impor sua autoridade como pai e marido, não lhe sendo necessário, portanto, recorrer

frequentemente à força física.

Antônio estudara pouco. Logo, não era um sujeito de grandes conhecimentos, lia mal-e-mal, devagar, soletrando, e, concluída a leitura, acabava por não discernir o texto. Porquanto, se lhe pedissem para ler, já alegava de imediato não conhecer leitura, ou fugia dum provável constrangimento dizendo estar com as vistas ruins. No entanto, não era nenhum inepto, pois o que não pôde aprender na teoria dos estudos, aprendeu, enfim, na vivência, na vida prática, na dureza do homem do campo. Para ele, a sabedoria prática era absolutamente mais importante que a teórica. E contentava-se com isto: em absorver apenas o entendimento mínimo e necessário para exercer o seu ofício, para ocupar o seu lugar reduzido no mundo.

No diálogo, tinha certo receio de estranhos, pois diante destes perdia sua naturalidade e logo se embaraçava com as palavras. Sentia-se confiante somente ao lado de seus iguais, daqueles seus companheiros de lida, de boteco, de profissão; daqueles homens em cujos rostos gastos e queimados de sol ele reconhecia a si próprio. Assim fora desde a juventude. Sendo um sujeito de educação limitada, sem grandes conhecimentos ao alcance, não sabia apreciar diversidades de coisas, ou outros modos de vida, de comportamento, de conduta, de divertimento. Gostava era daquelas conversas de boteco, *resumidas* e banais. Apreciava mesmo era sair para cavalgar de quando em quando, dum canto a outro, sem rumo, somente para se distrair. Sim, como já dito, o trabalho era certamente o que lhe trazia a satisfação plena de viver, era o que o deixava homem menos macambúzio, e não se importava qual fosse o labor, onde ou a que horas do dia ou da noite. Um trabalho ordinário qualquer era o bastante para que pudesse seguir em frente. Era apenas isto, de fato, a um indivíduo tão bruto como ele, o necessário para julgar-se capaz, menos miserável e íntegro.

Assim, como vivesse num mundo reduzido a alguns metros de chão, também não tinha pretensões, nem saberia conviver com elas. Desejava apenas viver e morrer em paz no seu canto, na sua terra. Como pai, reconhecia que falhava bastante. Infenso às expansividades, às sensibilidades, acabava moldado à forma exata da ausência de simpatia. Verdade é que, tacitamente, ele reconhecia sua frieza como pai. Poucas vezes dava um sorriso. Observando o menino a distância, preferia mesmo que ele brincasse só, que ficasse lá com os bichos. Não se propunha a brincar; não sabia ser simpático e sensível àqueles folguedos pueris; não sabia rir com o filho nem mesmo fazê-lo sorrir. Não tinha paciência alguma para essas coisas. Era grosso de mais para tanto.

Reconhecia que não sabia ser pai, e só tinha mesmo a propensão inata para ser um sujeito duro, seco e amargo.

Antônio, cronologicamente, não era muito velho. Todavia, em decorrência dos trabalhos bruscos que exerceu desde menino, sob o sol carrasco da caatinga, seu rosto, agora tão escoriado, tão murcho e enrugado, imputava-lhe muitos anos à frente. Às vezes, entristecia-se, ficava ainda mais trombudo que o natural, e ninguém ousava ir aborrecê-lo com alguma conversa. Só mesmo a mulher e o filho tinham certa sensibilidade perceptiva, mediante a convivência, para diferençar a seriedade natural de Antônio de uma tristeza súbita em seus olhos hostis. Para outros — os estranhos —, o vaqueiro tinha no rosto um só acabrunhamento eterno, não distinguindo, na sua braveza, o que era tristeza e o que era apenas o natural da sua figura.

O vaqueiro sentia essas amarguras inopinadas quando, sentado no seu canto, tragando o fumo, desarmava-se, por um instante, amolecendo sua dureza de espírito habitual, para logo comparar sua vida, de quando menino, à do filho, que ali brincava sozinho no terreiro. Do seu lugar, trombudo, fitava o menino, julgando-o um ser desmazelado, um esquálido, um desgraçado, um miserável protegido e enganado pela inocência. Nisto, Antônio gesticulava com a cabeça negativamente, porque estava certo de que o filho seria condenado ao mesmo destino que o seu. E, conquanto insensível, não ficava indiferente a essas suas conclusões. Chateava-se pensando nessas coisas, pois não queria de maneira alguma transmitir a herança de suas desgraças e misérias ao menino. Assim, acabrunhado, saía falando sozinho e baixo, montava no cavalo velho e rumava à cidade para tomar sua cachaça. Na verdade, não lhe faltava bebida em casa, mas ele preferia beber no boteco, acompanhado de seus iguais, ouvindo causos e abrindo um riso raro no rosto rígido.

Os botecos representavam-lhe um rincão, era onde ele encontrava mitigação às suas dores, angústias e raivas. Um boteco estava-lhe no mesmo patamar de relevância que a igreja está para um padre. Era o seu lugar, seu refúgio. No entanto, na prática, poucas vezes o vaqueiro encontrava seu sossego ali.

— Bota uma cachaça aí, *seu menino*[2], que hoje eu tô aperreado por demais. Bota aí, faz favor!

Notadamente, um sujeito do jaez de Antônio, uma vez nesses ambientes dominados por gente das mais fátuas, frívolas de ofício, por beberrões e zombadores dos mais rudes e insensíveis, não fica incólume aos apodos, às diversidades de doestos, que logo fazem queimar os nervos dos ofendidos

mais iracundos, tal como era o próprio vaqueiro. E como a figura esdrúxula de Antônio sempre provocava certa graça nos outros; um comentário ali, um riso baixo, uma piada indireta; nesses lugares, então, isso tudo se acentuava.

Como fazia nos dias de elevado aporrinhamento, entrava Antônio certa vez num desses botecos da cidade. No seu lugar, ouvia os insultos com uma paciência celestial; estranho nos seus modos, duro, seco. Bebia, entre essas afrontas sussurradas aqui e ali, mais uma dose de sua pinga, e estralava a língua no céu da boca como de hábito, contraindo o rosto áspero, enquanto outro cabra, um dos mais ébrios que ali se encontrava, de cara muito conhecida na cidade, afamado pela inata vocação para criar apelidos dos mais cômicos, começava a abrir sua boca escarnecedora. Sempre inclinado a esse papel, esse sujeito punha-se lá doutro lado a apodar alegremente o pobre vaqueiro com nomes dos mais criativos.

Antônio, depois da terceira dose, já sentia os pensamentos fervilharem, e os olhos toldarem-se de raiva, e o sabor na língua tornar-se ainda mais amargo. Cuspia crasso, pigarreava um tanto, desconfiado, e limpava os lábios ressequidos nas costas das mãos com raiva, fungando forte, feito bicho. Em seguida ajeitava à toa o seu chapéu velho, em sinal de desagrado e ameaça, fitando rispidamente, de esguelha, com olhos enristados, os zombeirões. E nessa postura ficava por um instante, indeciso, ainda de olhos esbugalhados, vidrados nas fuças risonhas dos algozes, e as mãos grossas, escabrosas como pedras, roçando uma na outra, precípites. O embate entre ele e algum daqueles homens urgia. Prevendo esse desfecho iminente, os demais, sem delongas, puseram-se de imediato a incitar mais descaradamente os brigões. Batiam nas mesas, bramiam palavrões e guturalizavam como se instigassem animais à rixa. Nisso, abruptamente, o vaqueiro esmurrava a mesa, despertando-se feito um bicho faminto em sua jaula.

— Mas que embromação! Vai pro inferno, filho da puta velha! *Rai te lascar*[3], desgraçados! Um infeliz agora não pode nem beber sossegado?!

E saía tonto, tropeçando nos próprios pés, esbarrando em tudo que havia em sua frente. Seguia, porém, de punho cerrado, fazendo-se de sujeito bravo, impávido, valente como os justiceiros de seu tempo, temidos e sempre decididos a defender a honra a todo custo. Enfim, abeirando-se de dois chocarreiros, já de corpo mole, oscilando de um lado a outro, a respiração lenta e as vistas embaraçadas, começou a espingardear palavras intrincadas, pelo efeito do álcool que ia lhe subindo à cabeça, obscurecendo-lhe as ideias.

— Quê? Diz? Vá! Malditos! Pois... Não se faz... Ficar aporrinhando homem de bem. Olha que... Pois sim... Hã? Olha pra mim, infeliz! Olha...

Arranco seu bucho na faca! Sim... na faca!

— Arranca o quê! Ê! Ê! *Desafasta*[4], velho dos infernos!

— Pois é sim! Eu... Homem nenhum me...

— Cabra mais ridículo! Disparatado! Bocó! Ninguém leva esse aí a sério. Arre! Bufão! Me faz é rir! Um tolo! Ora, quem é que tem medo dum traste desses? Hã? Diga aí, minha gente! Ora!

— Siga seu rumo, Antônio, vá! Vai beber sua cachaça noutro canto! Aqui é mesa de homem, não é lugar pra frouxo, pra um farrapo de gente como você. Avia!

O vaqueiro curvou o espinhaço devagar. Terrivelmente bêbedo, mal ouviu as palavras do outro. Se porventura ouviu, pouco discerniu do que lhe fora dito. Guiou-se para fora, apoiando-se à parede. Movia-se lentamente, sussurrando réplicas desconexas aos que o irritavam pelo caminho. Na rua, não distinguia, entre os transeuntes, nenhuma feição familiar e simpática. Aos seus olhos, de repente, todos ali representavam uma gente estranha; bichos, inimigos, demônios. Agora só desejava pegar o rumo de casa, cair numa cama e dormir como pedra. Uma noite bem dormida lhe bastava para esquecer as humilhações.

Depois de alcançar a rua e percorrê-la tropegamente à cata do cavalo, estatelava-se no chão, feito um fruto podre. Por sorte, nessas ocasiões, contava muita das vezes com a boa vontade de algum conhecido altruísta, ou de um transeunte compadecido qualquer, com quem se esbarrava pelo caminho. E, de repente, ele abria os olhos à porta da casa, despertado pelos xingamentos de Elisa. Desta feita, fora deixado em sua casa são e salvo, insolitamente sem nenhum inchaço no vulto, como era natural encontrá-lo depois de uma carraspana. De modo que o corriqueiro, como resultado dessas "aventuras", era vê-lo chegar a casa todo desmantelado, sujo e de cara marcada por murros. Isto depois de ser atiçado por uns e outros que, em princípio, só tinham mesmo a intenção de fazer troça, de açulá-lo à ira, porque esta era cômica, de maneira que acabava levando os demais aos risos. Desse modo, tendo em vista que ali havia muitos que o colocavam na faixa dos atoleimados, esses madraços de boteco não tinham nenhum intuito de briga com o vaqueiro. Só visavam ao divertimento coletivo à custa dele. A graça estava apenas em provocar-lhe raiva e rir da figura ridícula a qual o pobre transformava-se depois de a cachaça turvar-lhe a consciência. Todavia, não raro Antônio se aborrecia além da conta, afrontando a todos e partindo violentamente contra os que tanto lhe faziam troça. Daí a violência se concretizava, para a alegria dos mandriões intolerantes e valentões.

Quando nas raras ocasiões em que voltava para casa sem ter sido vítima de sua própria ignorância, mas naturalmente embriagado e, consequentemente, com seus aborrecimentos esquecidos por um instante, deixava-se agora livre para alguns enternecimentos súbitos e breves. Assomava cantarolando pelo quintal, desafinando nos passos, que vinham imprecisos, tortos, atritando os dedos para chamar os cães que vinham atrás, sorrindo com o rabo. Habitualmente, quando sóbrio, era estritamente seco diante dos bichos, passava rápido pelo quintal, sacudindo o chapéu para afastar os vira-latas quando eles roçavam suas pernas: "— Arreda! Arreda!". No entanto, sob os efeitos da cachaça, estando em casa, era ele, brevemente, outro homem, menos sisudo e frio, e então procurava mais a mulher para suas necessidades masculinas. Já na cidade, atiçado não só pela bebida como também pela má influência de seus companheiros de boteco, via-se o inverso, e ele ficava era mais irascível.

Dito isso, quando Abrahão avistava o pai entrando pelo quintal cantando e chamando pelos cachorros, prontamente já previa a alteração.

— Ixe... Bebeu. — sussurrou o matuto, sentindo o odor forte de álcool no instante em que Antônio entrava pela porta.

— Cadê sua mãe?

— Foi pro rio ariar panela. O senhor bebeu?

— Deixa eu sentar um pouco... que tô um... Ai! — aproximava-se o vaqueiro, ignorando a indagação do menino e agachando-se para sentar-se.

Daí, um longo silêncio seguia entre ambos. Antônio com os olhos ainda mais fundos, o corpo queimado de sol, suado, com as costas apoiadas a um pilar de madeira da varanda, coçando a barba, de pernas esticadas e cruzadas uma sobre a outra, espiando a distância. Abrahão sentado à porta, limpando o nariz com o dedo, distraído no silêncio que se prolongava entre eles. Subitamente, fitando o filho, o vaqueiro, abria a boca, limitando-se a este conselho:

— Olha... Escute bem... Pra vencer na vida... Sim... Tem que ser forte e bravo, menino! Pra vencer na vida... Tem que ser!

Abrahão concordava balançando a cabeça, sem dizer palavra alguma, com os olhos fixos na aparência feia e suja do pai.

Antônio calava-se novamente, puxava o fumo do bolso e preparava outro cigarro de palha. Fumava um pouco, e logo já estava a cuspir grosso, pigarreando para coçar a garganta. Em seguida, erguia-se com dificuldade, rumava até o quarto e deitava-se.

"... é preciso ser forte e bravo." Reduziam-se a isso apenas seus conselhos

nesse tempo. Reconhecia-se como um homem desagradável e sem entendimentos. *"Mas o que posso ensinar a esse menino? E o que sei? Sei muito pouco. Só sei ser duro, nada mais"*. Antônio, a essa altura, contava cinquenta e tantos anos, mas já se reputava um sujeito muito mais velho, uma pedra duríssima e difícil de ser desbastada; um sujeito sem paciência para ouvir sobre matérias prolixas e complexas.

E era desse homem que Abrahão herdava a dureza de espírito, a insipidez de sentimentos e aquele retraimento.

∞*∞

Duas ou três vezes por ano, Antônio aparecia em casa com uma caixa grande sobre o ombro, abarrotada de biscoitos. Comprava diretamente de um antigo distribuidor de alimentos da cidade, um velho que ele conhecia desde o seu tempo de menino, figura de muito boa índole, que obtivera razoável êxito no comércio, alcançando, em pouco tempo, uma ascensão financeira que o alçou ao estrito grupo dos novos-ricos da cidadezinha.

Sucedia que, quando um trabalho esporádico qualquer lhe rendia um saldo substancialmente maior que o habitual, Antônio, surpreso com esse resultado tão insólito em sua rotina, cheio de uma alegria despretensiosa, achava justo, uma vez ou outra, usar a quantia em benefício de toda a família, e não apenas em seu próprio, como muitas vezes ele o fez; indo gastar o lucro nalgum canto, com seus vícios. Dito isso, ao passar defronte ao boteco onde sempre parava beber, acontecia de ele — para o seu próprio espanto — declinar da ideia de aplicar aquele excedente em mais uma ou duas garrafas de cachaça daquela mais cara, para beber durante a semana em casa. Logo ele tomava outro rumo; dobrava uma esquina e seguia à casa do velho comerciante, desta vez sem indecisão.

Nessas oportunidades, via-se o vaqueiro passar pelo vasto terreiro na frente da casa com um orgulho tímido de si mesmo, brilhando nos olhos duros; um orgulho simples, pequeno, imperceptível à sombra da dureza do seu rosto sempre sisudo, cuja matéria embrutecida não se abrandava facilmente.

Abrahão, com seus olhos tristes, porém atinados, sempre observadores, notava, nesses momentos, um contentamento incomum no semblante — embora rígido — do pai. O menino ainda desconhecia o real e completo significado da palavra "orgulho". Entretanto, a seu modo, supunha que o termo resumia, em si só, um conjunto de grandes sentimentos, de sentimentos nobres que alegravam os homens, que abrandavam, posto que brevemente, até

mesmo os sujeitos mais duros, tal como era o pai.

Antônio adentrou a cozinha e foi logo depositar a caixa sobre uma mesinha rústica de madeira, que ele próprio havia construído já há algum tempo. Com uma paciência e sensibilidade bastante incomuns ao seu gênio, pôs-se a endireitar a caixa de papelão, anteriormente amassada pelo peso de suas mãos grossas.

— O que é que tem aí, pai? — indagou-lhe Abrahão, aproximando-se, apoiando os cotovelos empretecidos à mesa e, com as mãos enconchadas, sustentando o queixo, numa posição tranquila, na expectativa de ver logo o que o pai trazia naquela caixa enorme.

— Bolachas.

— É tudo bolacha?

— É sim.

— Custou caro, então...

— Custou.

O matuto, com sua obstinação estranha e uma curiosidade discreta, fitava agora o vaqueiro fixamente, como que tentasse decifrar o segredo que havia naqueles olhos secos, de um azul tão hostil. E era um orgulho implícito, acanhado, o segredo que ele flagrava naquele cenho forte do pai.

Antônio reparou mais um tanto mais na caixa, admirando-a. Antes de guardá-la, reteve-se ali por um momento, fitando aquele objeto grande, atulhado de biscoitos. Olhava para a caixa considerando-a uma conquista enorme, digna de honras. No seu rosto, afinal, agora se podia notar uma brandura sutil. Ali, víamos o bravo vaqueiro contente, com seu orgulho comedido, um orgulho sem vaidade, de quem se contenta com pouco, de quem nunca soube o que é "o muito".

— Que caixona! Tudo isso de bolacha... — admirava-se o menino.

Puxou o vaqueiro uma faca de serra, cravou-a no meio e pôs-se a abrir a embalagem, rasgando-a bruscamente. Mas nem a sequidão de sua fisionomia pôde esconder aquele brilho outro, de tácita ansiedade, em seus olhos. Um cheiro doce e denso rescendeu imediatamente, fazendo a língua do menino salivar. Abriu-se a caixa. Nisto, os olhos de Abrahão se iluminaram, estupefatos com aquele volume enorme de biscoitos; e sua língua salivou ainda mais. Ele então gritou, arregalando os olhos:

— Que tanto! Eita, pai!

— O Afonsinho, do armazém, me vendeu por metade do preço. É um cabra muito decente. Tem um coração generoso, tem sim. Ainda tem gente boa no mundo. Tem — explicou Antônio.

Abrahão agora se esticava todo, apoiado nas pontas dos dedos dos pés para enxergar melhor o conteúdo. Arregalou os olhos e pôde ver mais de perto a diversidade de tamanhos e formas dos biscoitos; eram tantos que chegavam até o topo da caixa. Viu de todos os formatos e tamanhos: redondos, quadrados, triangulares, retangulares, elipsoidais, comprimidos, finos, grossos, grandes e pequenos.

— Abre a mão — ordenou-lhe o pai.

O menino, prontamente, juntou as mãos uma na outra, formando uma espécie de concha. Antes, no entanto, esfregou-as bem na camisa, em movimentos apressados, para limpá-las da terra impregnada. Antônio despejou-lhe às mãos uma porção volumosa de biscoitos, e o matuto, esquecendo-se de agradecer, saiu logo à direção do terreiro, mastigando voraz.

— Hum... Que bolachinha mais boa.

— O esfomeado nem agradece a gente — sussurrou Antônio, mas com brandura no falar.

O vaqueiro também separou uma mãozada de biscoitos para si, depositando-a sobre a mesinha. Fechou novamente a caixa, passando uma fita colante linearmente por sobre o rasgo antes feito e outra no meio, contornando toda a embalagem, lacrando-a de uma maneira bastante segura. Depois guardou tudo em cima do armarinho, bem no alto, onde nem ele mesmo — baixinho —, alcançava, tanto assim que precisou equilibrar-se numa cadeira para conseguir esticar um dos braços até o teto do armário e empurrar a caixa de biscoitos para o fundo.

Seguiu para o terreiro, com sua boca cheia, mastigando rápido, numa degustação prazerosa. Distraído e preocupado com a tarefa de evitar que fosse ao chão uma quantidade enorme de biscoitos que trazia nas mãos enconchadas, perguntou à toa:

— Cadê sua mãe?

Fez isso como que de uma forma involuntária, movido apenas pelo hábito dessa indagação, a qual ele repetia quase todos os dias, quando não encontrava a mulher em casa nos seus afazeres habituais.

— O Infeliz nem responde — murmurou o vaqueiro, sem ouvir resposta, compenetrado na degustação dos biscoitos.

Abrahão já não estava por ali. Enfiara-se nalgum canto da caatinga. Certamente fora sentar-se sob alguma moita seca, onde, dantes, talvez, estivesse a principiar mais outro de seus tantos folguedos ingênuos da tenra idade. Correra para comer seus biscoitos em paz e, com isso, acrescentar esta cena a um dos atos de suas tantas criações teatrais. *"Soldados! Embora*

descansar! Vamos comer umas bolachas."

Como já era de conhecimento da família, apenas Antônio tinha autorização para mexer naquela caixa. Lá em cima ele a pôs; de lá só ele poderia tirá-la. Era assim em tudo, não apenas naquela situação em particular. Tudo então passava, antes, pela aprovação do vaqueiro, pelo seu "sim" ou pelo seu "não".

— Não vá bulir nas bolachas do seu pai, Abrahão! — ralhava Elisa, ao ouvir, lá do quintal, o ruído de uma cadeira sutilmente arrastada, atritando o piso áspero da cozinha.

De imediato, o matuto declinava da ideia de "roubar" mais uns biscoitos, quando não satisfeito com o que o pai já lhe havia servido pela manhã. Não era, porém, uma resolução definitiva, e sim uma desistência momentânea e, sobretudo, estratégica. Pois, num momento ou outro, conseguiria escapar dos olhos ligeiros da mãe e da desconfiança do pai. Afinal, aquela caixa logo se tornou a "*A Caixa de Antônio*", "*Os Biscoitos de Antônio*", expressões estas que Elisa fazia uso para referir-se, ironicamente, à caixa de biscoitos, com a única intenção de escarnecer do marido.

Assim dito, lá pelas tantas da tarde, com a luz baixa do ocaso entrando pelos vãos do telhado e escurecendo-lhe as vistas, Antônio chegava a casa. Largava nalgum canto os seus petrechos de trabalho, puxava uma cadeira e sentava-se, fungando forte. Aspirava ali o delicioso aroma do café forte da mulher a exalar pela cozinha. Logo arrastava a cadeira, subia nela devagar, equilibrando-se, e descia a caixa de biscoitos até o chão. Depois que o filho e a mulher acomodavam-se à mesa, o vaqueiro retirava três porções de biscoitos, divididas mais ou menos de acordo com a quantidade de biscoitos que cabia em sua mão grossa e justa. Era sempre a mesma medida, uma mãozada para cada um deles, a qual ele julgava suficiente para deixar todos satisfeitos. Às vezes, quando voltava para casa um tanto mais acabrunhado, reclamava que os biscoitos pareciam estar acabando depressa demais, numa velocidade incompatível com a quantidade por eles consumida diariamente. À mesa, desconfiado, queixava-se, resmungando feito um velho caduco:

— Esfomeado... Eu não disse que era pra comer só de tardinha? Tem que pensar no outro dia também. Quer tudo duma vez! Come tudo agora, aí, no outro dia, só sobra o dedo pra lamber. Quem aguenta! Arre! Nem um boi inteirinho cabe na barriga desse menino. Um esfomeado!

Antônio dizia isso enquanto, num só tempo, despejava o café numa xícara e, com a outra mão, empurrava até o menino um pratinho com os biscoitos, sempre com suas grossas sobrancelhas erguidas, num franzir de rosto aborrecido, e os olhos curvados e arregalados à direção de Abrahão, que se

sentava à sua esquerda, calado.

— É um morto de fome! — continuava o vaqueiro.

Quando não havia ninguém tão perto: a mãe estendendo roupas no terreiro e o pai nalgum serviço ordinário, o menino não desperdiçava momento tão oportuno. Ia até a mãe, agachada no chão e esfregando roupas numa bacia. Rodeava-a, verificando, através de sua feição, se estava ela, de fato, distraída, atarefada e com os pensamentos distantes. O matuto sempre aproveitava esses ensejos, que não eram assim tão raros. Deu mais umas voltas ao redor de Elisa, marchando duro, empertigado como os soldados que viu, certa feita, desfilarem na cidade. Afetava estar a brincar, imitando, com a boca, os estampidos de um disparo de arma de fogo:

— Pá! Pá! Pá! Malditos ladrões! Pá! Pá! Pá! Mate o inimigo!

Para dar mais veracidade ao fingimento, aumentava o tom da voz, agora usando uma arma mais potente e letal, talvez uma metralhadora:

— Trá! Trá! Trá! Tratá! Tratatá! Pra frente, soldados!

Se porventura, nesse tempo entre uma volta e outra em derredor da mãe, ele a ouvisse cantarolando alguma cantiga popular, naquela mesma posição anterior, e sem notá-lo, saía marchando mais depressa dali, com a confirmação que precisava. *"Ela tá pensando na morte da bezerra"*, supunha o matuto, em silêncio.

— Agora, tá na hora de atacar o inimigo lá longe! — exclamava, fingindo outro folguedo. — Soldados! Soldados brasileiros, *bora*[5] matar aquele mandacaru! Os xiquexiques também! — continuava a gritar o matuto, apontando o dedo na direção contrária à cozinha.

— Trá! Trá! Tratatá! Fogo neles! Se embora! Espingarda na mão!

E saiu em disparada, imitando trotes de cavalos, relinchos, tiros de armas. Detendo-se por um instante, circunvagou os pés de quipás próximos à cerca. Deu meia volta, observando... Encorajado pelo estado pensativo em que ficara a mãe, lá no terreiro, cantarolando tranquila, correu ligeiro à cozinha, sem despertar suspeitas. Arrastou ali uma cadeira, com toda a sutileza necessária para não provocar ruídos, e subiu. Endireitou-se e, endurecendo as pontas dos dedos dos pés, esticou-se todo até o alto. Como tinha uns braços compridos e delgados, conseguiu, sem tanto esforço, alcançar uma pequena abertura no papelão, por onde enfiou uma das mãos. Apoiando-se mais um tanto com a mão esquerda a um dos puxadores do armário, flexionou bem o pulso da destra e cravou-a avidamente nos biscoitos, trazendo consigo uma mãozada maior que a outra do dia anterior. Sôfrego, enfiou tudo no bolso da velha bermuda, e alguns pedaços espalharam-se pelo chão, uma vez que o bolso

direito já estava abarrotado. Esticou o braço outra vez e tirou mais uma mãozada de biscoitos, guardando-a, desta feita, no bolso esquerdo, que também ficou cheio. Desceu. Recolocou a cadeira no seu lugar de origem, e pôs-se apressadamente a recolher os pedaços que haviam caído no chão, os mesmos que ele ia, de imediato, "guardando" diretamente na boca, mastigando e engolindo tudo bem depressa. Enfim, esgueirou-se por um lado da casa, rente à parede, sem que Elisa o visse. Saiu à socapa, contente, para deliciar-se com aqueles biscoitos bem longe das vistas da mãe.

5

— Abrahão! Abrahão! Aonde foi esse abestado?! — esbravejou o vaqueiro.

Elisa vinha do quintal, trazendo, numa gamela, uma galinha sangrada, resumida quase a ossos.

— Cadê o infeliz do seu filho?

— Deixa o menino se distrair um pouco. Que mal tem?

— Distrair? E ele tem idade pra ficar ainda bestando por aí? Já tá é muito homem!

— É só um menino.

— Com a mãe que ele tem, vai crescer preguiçoso... *Ói*[6] lá ele, tá vindo ali.

O matuto, notando no pai uma expressão mais severa que a habitual, aproximou-se calado, de cabeça baixa e olhos medrosos.

— *Bora* lá no aguadeiro José Alves. Pegue lá os tambores, depressa! Avia, menino, avia!

Abrahão apressou-se para encabrestar o jumento velho e magricela, que o vaqueiro tomara emprestado de um conhecido. Com a ajuda do pai, pendurou dois tambores no lombo do animal, um de cada lado. E saíram apressados. O menino ia à frente, puxando com satisfação o animal pela rédea, divertindo-se. Posto que franzino, ignorava o cansaço das pernas e a dor procedente dos calos nos pés. Antônio vinha mais atrás, calado, pensativo, preparando-se para acender outro cigarro de palha. Tarimbado que era, o vaqueiro caminhava tranquilo, sem interromper a marcha nem para um descanso breve. Novamente cruzaram, indiferentes, com bichos moribundos, carcaças de gado, abutres ávidos, ossadas já empretecidas e encravadas na terra dura. Enfim, pai e filho alcançaram a cidade. Entraram apressados pela rua do açougue, sérios, sem cumprimentar ninguém, e dirigiram-se imediatamente à casa do aguadeiro. Durante todo o percurso, não pararam sequer uma vez à porta de algum conhecido, como era o praxe do vaqueiro. José Alves já se aprontava para ir a

mais uma entrega com o carro-pipa, quando Antônio acenou, afetando simpatia:

— Boa, Sr. Zé!

— Pois fale, que tenho pressa, Seu Antônio.

— Vim pedir pro senhor um pouquinho d'água, Seu Zé. A cisterna lá de casa tá quase secando, ainda dá água, é bem verdade, mas água muito ruim. Meu menino aí vive doente. E é certeza que é por causa dessa água ruim de lá. E o senhor não leva água lá por quê?

— O senhor vive se gabando que vota na oposição. E agora vem atrás de nós. Ora essa...

— Ora! E o que tem isso? E não é pro povo essa água? Não é não? Eu não tenho muita leitura, mas a gente sabe que não é favor nenhum isso. A água nem é d'ocês, vem lá do governo, lá da capital, é pra dar pros *pobre*, pra "dar", não é pra vender, não. Sei muito disso.

— Mas olha que a água que veio de lá já se esgotou, acabou tudinho. Esta aqui é coisa particular, nada tem com o governo. Fui buscar longe, água de qualidade. Não posso dar, não, mas eu vendo pro senhor fiado. Mas é só desta vez, vai me desculpar. Tudo tem um custo, e eu preciso de dinheiro vivo.

— Mas dou minha palavra que pago, ora! O senhor me conhece...

— Eu sei, Sr. Antônio, sei que o senhor é homem sério.

— Mês que vem eu acerto com o senhor, se Deus quiser.

— Tá certo, Sr. Antônio. Traga os tambores aqui.

[...]

Já escurecia quando, retornando para casa, pai e filho despontaram à entrada do quintal, ambos já exaustos por conta da longa caminhada. Antônio Ferrão foi sentar-se no terreiro para recuperar o fôlego, mas ainda tinha forças para soltar mais uns insultos contra o aguadeiro.

— Infeliz dos *inferno*! Rouba a água que é do povo pra trocar por voto, e ainda vem com desaforo. Ora! Excomungado! Ainda meto uma bala nas *fuça* desse sujeito!

Abrahão contemplava essas manifestações raivosas do pai com admiração e respeito. A carranca de Antônio trazia-lhe grandes impressões. Veladamente, no seu espírito calado, tinha lá, bem escondida, brilhando, intacta e inabalável, uma idolatria imensa e quase doentia pelo pai.

Noutro dia, sábado, estava lá o matuto junto ao seu ídolo, ajudando-o a encabar uma enxada e um machado. Aqui se via um tipo de atividade que ele adorava exercer, coisa que praticava com gosto, sem, entretanto, considerá-la um ofício de fato, e sim apenas uma distração efêmera. De certo modo,